

**CONFLITOS EXISTENCIAIS DA FRONTEIRA NO ROMANCE *ELPÍDIO PETRA*,
DE WANDERSON LIGIER DE JESUS**

**EXISTENTIAL BORDER CONFLICTS IN WANDERSON LIGIER DE JESUS'
NOVEL *ELPÍDIO PETRA***

João Carlos Nunes IBANHEZ¹

Resumo: Há literaturas que surgem em regiões específicas e evocam em seu *script* o tema da fronteira. É o caso do romance *Elpídio Petra* (2021), do escritor Wanderson Ligier de Jesus, que lança um olhar para a fronteira entre o Brasil e a Bolívia (Fronteira Bras/Bol), um lugar de choque de realidades distintas, metralhado de questões existenciais envolvendo sujeitos que transitam, ancoram e constroem a realidade social nesse espaço específico. O objetivo principal, da pesquisa é perceber como a literatura registra dimensões subjetivas e concretas que pairam na atmosfera fronteiriça e configuram a espacialidade existencial das personagens. Os procedimentos analíticos propostos aqui sugerem o método hermenêutico para interpretar a literatura; dessa forma a teoria da recepção incita o leitor geógrafo a focar nas dimensões particularizadas do texto para decodificar o contexto espacial. Relativamente ao romance, os resultados obtidos, por meio de diálogo geográfico, demonstram que a literatura sugere um lugar marcado por ser um espaço atravessado de conflitos que conduzem a uma multiplicidade de acontecimentos moldando as identidades dos sujeitos.

Palavras-chave: literatura; fronteira Bras/Bol; trânsito; ancoragem; existencialismo.

Abstract: There are literatures that appear in specific regions and that evoke the border theme in their script. This is the case of the novel *Elpídio Petra* (2021) by Corumbá writer Wanderson Ligier de Jesus, which takes a look at the border between Brazil and Bolivia (Bras/Bol border), a place where different realities clash, shot through with existential questions of subjects transiting, engulfing themselves and building the social reality in this specific space. The main objective is to understand how literature registers the abstract and concrete dimensions that hover in the border atmosphere and configure the existential spatiality of the characters. The analytical procedures proposed here suggest the hermeneutic method to interpret the literature, in this way the theory of reception encourages the geographer reader to focus on the particularized dimensions of the text to decode the spatial context. In the specific case of the novel, the results obtained through the analysis demonstrate that literature suggests a place marked by being a space crossed by interrelationships that result in a multiplicity of events that shape the identities of the subjects.

Keywords: literature; Bras/Bol border; traffic; anchoring; existentialism.

Introdução

Mas ninguém na rua Elpídio Petra sabia mais a respeito da história melancólica do homem que batizou essa rua. Hoje em dia, no início dos anos 2000, Elpídio Petra era conhecido apenas pelo mercado de rua onde os bolivianos vendiam os seus produtos, que eram roupas e produtos eletroeletrônicos em sua maioria, trazidos através da fronteira, e também pela prostituição, principalmente de travestis, que ocorria ao longo do calçadão que começava logo após a feira e seguia por quatro quilômetros até findar no

¹ Mestre e Doutorando pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: zamoms@hotmail.com

moribundo aeroporto municipal. Enfim, sempre que alguém queria indicar a rua Elpídio Petra dizia que era a rua da feirinha boliviana ou a rua dos travecos.

Wanderson Ligier de Jesus
(*Elpídio Petra*, 2021, p. 16).

Ser humano não é somente criar distâncias, mas tentar transpô-las, transformar a distância primeva através da intencionalidade, da emoção, do envolvimento e do apego. Assim, a espacialidade humana é mais do que o produto de nossa capacidade de nos separarmos do mundo, de uma Natureza primitiva, para contemplarmos sua plenitude distante e nossa separação. No que talvez seja a dialética mais básica da existência humana, o distanciamento primário fica sem sentido (um dos mais importantes conceitos do existencialismo) sem sua negação: a criação do sentido através das relações com o mundo.

Edward W. Soja
(*Geografia pós-modernas*, 1993, p 164).

A geografia acadêmica pode *localizar* na literatura uma infinita gama de situações que interessam às ciências humanas. O olhar geográfico inclinado para a literatura é datado desde o momento em que houve a sistematização epistemológica dos parâmetros científicos. Entretanto, as relações entre a arte literária e a ciência geográfica ficaram mais evidentes a partir da década de 1970, quando a geografia humanista legou um projeto que centralizava a dimensão humana no plano científico. Geógrafos, como Tuan (1974) e Pocock (1981), organizaram teorias para obterem o *senso de lugar* (*sense of place*), entrando em confronto com os estudos da geografia que apenas se concentravam nas generalizações e na obtenção de dados. Assim, o ponto de partida da geografia humanista possibilitou a abertura para o encontro com a literatura, sem que evocasse somente um certo regionalismo; conseqüentemente a arte passa a ser utilizada como um instrumental de apoio à ciência.

Atualmente, os programas geográficos que canalizam o texto literário para um plano central, são diversos, considerando a infinita gama de projetos e referenciais teóricos usados como base para as metodologias, como exemplo temos Sharp (2000), Hones (2008), Saunders (2010), Ibanhez (2017), Brosseau (2020) e Silva (2021). Alguns desses pesquisadores vão questionar métodos e propor procedimentos de convergência, enfatizando que, quando se trata de literatura, nada pode conter linhas duras de análises e sim diálogos para a promoção de encontros textuais e espaciais.

Se as possibilidades de diálogo abrem uma infinita probabilidade de troca de conhecimentos entre os saberes científicos e artísticos, propomos uma intervenção geográfica tendo em vista o romance *Elpídio Petra* (2021), do escritor Wanderson Ligier de Jesus. A

obra é motor para agenciarmos um olhar sobre a fronteira², a qual tem importância fundamental nas condutas das personagens, arrastando a problemática de Marandola e Dal Gallo (2010, p. 418) para nosso diálogo: “quais são as consequências desta forma de ser-mundo para a constituição do ser-lugar?”.

Como o romance em questão nos atravessa para uma experiência espacial? A epígrafe lançada no início do texto nos informa sobre o plano espacial em que as personagens estão envolvidas. Na obra as circunstâncias existenciais convergem primeiramente no lado da fronteira boliviana, mas que encontram sua ancoragem espacial³ no lado da fronteira brasileira. Nos acontecimentos da literatura, *onde* os eventos vão surgindo aleatoriamente, os sujeitos vão colocar a culpa das suas contrariedades na movimentação espacial e conseqüentemente na ancoragem definitiva. As personagens passam por dramas existenciais pondo em xeque suas escolhas, pois o lugar que elegem para ser a morada derradeira é motor de interferência nos seus acasos. Por isso a obra é tão importante, ela surge na fronteira e a retrata, manifestando a cultura localizada em diferentes aspectos:

[...] a obra fronteiriça é pensada como um legado enriquecedor da identidade da população local, além de fazer parte do panorama literário nacional. As fronteiras se constituem em espaços humanos, onde comunidades com características particulares, marcadas pela interculturalidade, são naturalmente integradas e, como produto do encontro, surge a cultura criada e recriada por seus habitantes (ARF, 2020, p. 209).

Como geógrafos, somos atraídos por essa específica literatura posto que ela contém muito do que tem provocado os debates espaciais em nossa ciência. O desafio é percebermos o que o romance guarda em seu interior no que se refere a questões fronteiriças, com vistas a demonstrar as localizações geográficas que elucidem as condições existenciais na tríade evocada por SOJA (1993, p. 34): “Como tal, a experiência da modernidade capta uma ampla mescla de sensibilidades, que reflete os sentidos específicos e mutáveis das três dimensões mais básicas e formadoras da existência humana: o espaço, o tempo e o ser”. As experiências

² Há outros autores fazendo essa convergência entre literatura e fronteira, por exemplo, Rizzon (2012), Freire (2015) e ARF (2020).

³ O termo *ancoragem* é uma metáfora que algum tempo vem impregnando o discurso das ciências humanas. Bernard Debarbieux em um artigo intitulado “Enracinement – Ancrage – Amarrage : raviver les métaphores” que em tradução livre seria “Enraizamento – Ancoragem – Amarração: reviver metáforas”, publicado na revista francesa L’Espace géographique em 2014, nos diz o seguinte “A metáfora da ancoragem, tal como explicitamente mobilizada neste tipo de texto, permite então circunscrever o investimento deliberado e momentâneo de um lugar (lançar a âncora) ou o investimento igualmente deliberado mas simultâneo de vários lugares (pontos de ancoragem, ou pontos de amarração), ambos se opondo a ideia de investimento (sofrido?) por um lugar único ao longo da vida (enraizamento)” (DEBARBIEUX, 214, p.76) (tradução nossa).

dos sujeitos, amalgamadas na literatura, são um significativo laboratório que pode contribuir com análises mais humanizadas no interior da Geografia.

Nosso texto é construído em quatro movimentos autônomos para compor uma unidade. Utilizaremos as teorias literárias para calcar uma metodologia de encontro entre a Geografia e o texto artístico, trazendo o que Terry Eagleton discorre sobre o método hermenêutico, que nos oferece subsídios para exercermos uma aproximação com a explanação de Maurice Blanchot, o qual refletiu sobre a relação entre o mundo e a literatura. Em seguida, a atenção se voltará para comentários sobre o autor e o enredo de sua obra. Apresentaremos uma caracterização da fronteira Brasil/Bolívia coligando-a com a obra. Num último movimento de escrita, trilharemos o exercício de diálogo entre um olhar geográfico e o texto literário, avaliando como a fronteira e os dilemas existenciais, tal como na epígrafe de Soja, atravessam as personagens da literatura.

Aportes metodológicos

O leitor sempre foi o menos privilegiado desse trio (autor, obra e leitor) – estranhamente, já que sem ele não haveria textos literários. Estes textos não existem nas prateleiras das estantes: são processos de significação que só se materializam na prática da leitura. Para que a literatura aconteça, o leitor é tão vital quanto o autor.

Terry Eagleton

(*Teoria da literatura: uma introdução*, 2006, p. 108).

Dialogaremos com a literatura seguindo o método hermenêutico sugerido pela teoria da recepção, o qual aponta como o *eu*, leitor, encaro e percebo o texto. A epígrafe mencionada nos diz que o leitor tem importante papel para que a literatura possa existir. Isso trata-se, fundamentalmente, da interpretação dos significados que mais nos atraem no ato da leitura, considerando a gama de elementos colocados no texto e que participam do contexto. Orientamos no sentido de pensar que as individualizações e circunstâncias menores são parte integrante de um contexto geral, em nosso caso, do contexto geográfico. Segundo Eagleton:

O método hermenêutico procura encaixar cada elemento de um texto num todo completo, num processo comumente conhecido como "círculo hermenêutico": as características individuais são inteligíveis em termos da totalidade do contexto, e a totalidade do contexto torna-se inteligível por meio das características individuais. A hermenêutica não considera a

possibilidade de que as obras literárias sejam difusas, incompletas e internamente contraditórias (EAGLETON, 2006, p. 113-114).

Se essencialmente devemos encarar os atributos e as dimensões particularizadas para tomar o todo, o contexto generalizado, a que os teóricos chamam de círculo hermenêutico, o diálogo geográfico, de intenções literárias, se pauta naquilo que todo conjunto dos elementos e situações podem nos conectar com as noções espaciais. Então, trata-se, do (*eu*) geógrafo em simbiose com a literatura específica, extraíndo uma geografia que tem questionamentos existenciais e requer qualificações para se compreenderem as generalizações: “o significado de uma obra literária não se esgota nunca pelas intenções do seu autor” (EAGLETON, 2006, p. 108). O importante é especular aquilo que nos ligam a uma geografia do texto em si. Ainda conforme Eagleton:

A leitura não é um movimento linear progressivo, uma questão meramente cumulativa: nossas especulações iniciais geram um quadro de referências para a interpretação do que vem a seguir, mas o que vem a seguir pode transformar retrospectivamente o nosso entendimento original, ressaltando certos aspectos e colocando outros em segundo plano (EAGLETON, 2006, p. 117-118).

Tal afirmação, basicamente, leva-nos a refletir sobre o que o teórico Maurice Blanchot questiona em uma de suas obras e que parece mover muito o interesse dos geógrafos pela literatura: “O que importa, então? O que pode ensinar-nos a obra de arte acerca das relações humanas em geral? (BLANCHOT, 2005, p. 39). O pensador comenta o processo de reciprocidade entre a obra artística e o mundo, no qual os dois não se deixam desligar, tal como num ciclo vicioso. Para Blanchot:

O mundo e o livro remetem um ao outro, eterna e infinitamente, suas imagens refletidas. Esse poder infinito de espelhamento, essa multiplicação cintilante e ilimitada – que é o labirinto da luz, o que não é pouca coisa – será, então, tudo o que encontraremos, no fundo de nosso desejo de compreender (BLANCHOT, 2005, p. 138).

Se a literatura e o mundo são achegados reciprocamente por um eterno retorno entre si, quando acessamos o texto artístico estamos conferindo um contexto que surge de uma realidade geográfica e que barganhará em seu interior os dramas humanos em um espaço definido, real ou inventado. Cabe, então, ao leitor geógrafo sentir o texto e discutir as noções espaciais e as espacialidades captadas.

Quanto à obra *Elpídio Petra*, ela trata de conflitos existenciais de personagens que encontram localizações específicas as quais dão sustentação territorial a suas vidas, marcadas por um passado recheado de trânsitos até uma ancoragem em um dos lados da fronteira.

Escritor e sua obra

As imagens das regiões fronteiriças albergam uma multiplicidade de significados, bem como o que ouvimos falar sobre o pragmatismo de seus habitantes, mas nada alcança explicar tudo. O estigma de um lugar de passagem, prostíbulo, antro de criminosos e traficantes de drogas.

Lucilene Machado Garcia Arf
(*Sempreviva e Mulas como constructo de um espaço transcultural e transnacional*, 2020, p. 213).

O escritor Wanderson Ligier de Jesus nasceu em 1975, na cidade fronteiriça de Corumbá, extremo Oeste do Brasil, estado de Mato Grosso do Sul, divisa com a Bolívia. O autor é professor da rede estadual de ensino, desde 1996. Formado em letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus do Pantanal, exerceu ao longo dos anos as funções de professor de língua portuguesa e inglesa, de coordenador pedagógico e de diretor. De Jesus tem uma obra consolidada e um público de leitores fervorosos. Em 2016 fez a sua estreia como escritor, lançando, pelo Clube de Autores, uma coletânea de contos intitulada *Crônicas de uma Terra em Chamas*. No ano de 2019 lança, pela editora Cartoneira, o segundo livro (o primeiro de poesias): *Venenos que curam*. Além de contista e poeta, em 2021, se consagra como romancista, lançando o livro *Elpídio Petra*, pela editora CRV, aqui o alvo de nossa interferência geográfica. Em 2022 o escritor publica seu segundo romance: *Era dos Gigantes*, pela editora Elmo Negro. Artista dinâmico, Wanderson Ligier de Jesus atua também em outros segmentos da arte como, por exemplo, na música (no cenário cultural de sua cidade natal), como vocalista e compositor na banda *Taos Hum* que traz instigante influência da Tropicália, do Blues, do Rock, da MPB e de ritmos achegados à região pantaneira.

Em relação à narrativa do romance *Elpídio Petra*, ela ocorre de maneira linear, temporalmente, contendo *flashes* do narrador “‘heterodiegético’ (isto é, ausente de sua própria narrativa)” (EAGLETON, 2006, p. 159), que ajudam o leitor a compreender a história ao longo do texto. O título, *Elpídio Petra*, é a modificação de um topônimo real, de uma rua

localizada em uma cidade real, que também recebe outro nome para se disfarçar a verdadeira denominação, ou seja, *Elpídio Petra* é a renomeação artística da rua Edu Rocha, localizada em Corumbá, o cenário das personagens no lado brasileiro da fronteira. Vejamos, a seguir, uma caracterização dessa zona fronteira.

[...] é a fronteira Brasil-Bolívia, do município de Corumbá situado no extremo Oeste de Mato Grosso do Sul. Dentro do território brasileiro, Corumbá é um município com aproximadamente 70 mil km², e mais de 100 mil habitantes, localizada a 410 km de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, e cerca de 5 km de Corumbá, no território boliviano que pertence ao Departamento de Santa Cruz, estão situados Puerto Quijarro, pequeno município da Província de Germán Bush, formado por dois distritos – Puerto Quijarro e Arroyo Concepción. Esse espaço fronterizo configura-se como ponto estratégico do principal contato entre bolivianos e brasileiros (DOS SANTOS; ARF, 2020, p. 199).

A cidade de Corumbá é conhecida por ser a capital do Pantanal que transcende o Brasil, um bioma transfronteiriço: “O Pantanal é uma área úmida (150.355 km²), localizada no centro da América do Sul, entre os paralelos 15°30’ e 22°30’ sul e meridianos 55°00’ e 57°00’ oeste, com sua maior parte no Brasil (140.000 km²), tocando a Bolívia e o Paraguai” (ALHO, et al, 2019, p. 1).

No romance, um produto artístico que não tem comprometimento com a realidade, a cidade de Corumbá recebe o nome de Gravatá; explicação que pode ser conferida na apresentação exposta na aba do livro:

Resolvi pegar minha querida Corumbá, misturar com uma pequena dose de fantasia e criar a Gravatá onde situo as minhas histórias. Nessa perspectiva Gravatá é uma cidade de fantasia, e ao mesmo tempo verdadeira, pois nada existe em Gravatá que não tenha um correspondente no mundo real (JESUS, 2021).

Baudelle (2011) coloca a seguinte questão: os nomes geográficos fictícios (topônimos) referem-se a lugares reais ou são apenas nomes? Essa é uma discussão imbricada, muitos romancistas situam suas histórias em lugares reais, veja o caso de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, ambientado em Salvador, na Bahia. Há autores que inventam um novo espaço, como Lewis Carroll em *Alice no País das Maravilhas*. Ainda existem autores que criam nomes de lugares fictícios para glorificar a cartografia real e criar suas próprias histórias, é a situação de *Elpídio Petra*.

No *script* da obra, uma família imigrante, proveniente de uma “aldeiazinha boliviana” (JESUS, 2021, p. 66), habita a rua Elpídio Petra, bastante movimentada por ser um espaço onde está situada a feira cultural de comerciantes bolivianos e brasileiros, o cemitério da cidade, uma igreja protestante e ainda por ser um local onde prostitutas, garotos de alugueis e travestis tomam a noite para fecharem negócio com clientes.

Essa família é composta por três integrantes: “Em uma das casas dessa rua vivia a Família do senhor Emiliano Castanheda Zurraqui que era constituída por ele, sua esposa Teresa e sua filha de 15 anos Maria Stéfanny, mais conhecida por Faninha” (JESUS, 2021, p. 17). Nela há um filho desgarrado do berço familiar, porque decidiu enfrentar o pai, revelando-se gay, por isso ninguém na família era autorizado a procurar pelo ente: “Angel morreu pra todos nós e isso é assunto encerrado! Entendeu!?” (JESUS, 2021, p. 35).

Todos da família, inclusive o filho apartado, nasceram no interior da Bolívia, mas o romance não sugere o local exato; na apresentação relativa ao pai, o texto indica: “[...] infância, passada numa fazenda no interior da Bolívia” (JESUS, 2021, p. 18). A *posteriori*, a família se muda: “Depois de dois anos de casamento se mudaram para perto da fronteira com o Brasil onde Emiliano trocou a lida com o campo pelo serviço mais rentoso de feirante em parceria com um tio paterno” (JESUS, 2021, p. 67); depois deslocam-se mais uma vez, agora para o Brasil, ainda na fronteira: “O senhor Emiliano, na verdade, havia resistido um bom tempo à ideia de sair de sua antiga casa que ficava 3 quilômetros além da fronteira, entrando na Bolívia, e vir morar em Gravatá” (JESUS, 2021, p. 17).

Portanto, há um pai autoritário; uma mãe, que é mulher submissa ao esposo e que vive com uma culpa imensa por não poder defender o filho; Faninha, uma adolescente muito inteligente e estudiosa, que, em vários momentos, se vê questionando sobre as situações impostas para ela, que, necessariamente e de maneira natural, deveria aceitar; por último, há o Angel, o filho gay que vive apartado da família e à margem da sociedade. A família é protestante e passa por dificuldades no sentido de manter os dogmas da religião, considerando que a filha está em fase de descobertas amorosas e existenciais; e o filho, desgarrado por uma opção sexual que não agrada à comunidade religiosa, a ovelha negra da família.

Faninha namora um garoto da igreja com consentimento dos pais, porque viam no rapaz uma boa oportunidade de casar a filha, já que o adolescente era filho do dono de uma transportadora e amigo do pai de Faninha. Mas ela não está feliz com o jovem gordinho, de dezessete anos, que conheceu na igreja; então resolve terminar com ele, uma vez que conheceu um rapaz negro, na escola, que era mais interessante e atraente. No desenrolar da

história, ela descobre o local onde o irmão mora e passa a visitá-lo, escondido do pai e da mãe. Angel começa a incentivar a irmã a fazer questionamentos e a não aceitar tudo que era empurrado para ela, sem contestação. Após ser expulso da família, o rapaz passa a viver com o namorado, Hermínio, em uma casa simples, sobrevivendo através do submundo, combinando programas na rua Elpídio Petra.

O romance é bem intrigante, pois parece não haver personagem principal; no entanto, há a sugestão de que a personagem Angel é o motor para engendrar o delineamento das ações. Ele mantém um caso com um velho rico que o paga e o tira um pouco do sufoco. Hermínio, por sua vez, detesta a vida de trabalhador honesto como mecânico, ganhando uma merreca. Por ciúmes do parceiro de Angel, arquiteta uma emboscada, no motel onde o casal frequenta, para roubar o carro do velho. No momento do assalto, num surto psicótico, misturado de ciúmes e raiva contra aqueles que detinham grana, Hermínio mata o velho, inesperadamente. Angel acha tudo aquilo uma loucura, mas, transtornado com o ato tresloucado do namorado, é forçado a segui-lo; transporta o veículo para o lado boliviano para ser vendido e, assim, poderem tirar o pé da lama.

Depois de fazerem negócio com o carro roubado, “pela escura estrada boliviana” (JESUS, 2021, p. 112), Angel e Hermínio decidem voltar ao Brasil para não levantar suspeitas. Passado algum tempo, decidem juntar pequenos pertences, pegar o ônibus municipal, descer até o limite brasileiro, atravessar para o lado boliviano a pé e seguir num táxi até uma fazenda onde tinham contato para ficarem escondidos por um tempo, para, depois, seguirem suas vidas. No entanto, são interpelados pela polícia. Hermínio esmurra o policial brasileiro, quando já estão pisando os últimos pedaços do chão brasileiro; saca uma arma e só não executa o policial, porque Angel o impede. Com isso, Hermínio sai em disparada e entra na Bolívia, sendo perseguido pelas polícias boliviana e brasileira que o capturam, numa emboscada delirante, digna dos melhores romances policiais. O policial brasileiro, caído no chão, atira em Angel, que fica amortecido e delirante. O texto deixa uma dúvida no ar: Angel morre ou não com o tiro à queima-roupa?

A família de Angel fica sabendo da prisão pela televisão; a mãe chora e o pai diz que foi justo. Faninha diz que ama o irmão e entra em conflito com pai, que ameaça bater nela, mas a mãe se agarra à filha, protegendo-a. O pai desiste da surra, sai para a rua e reflete sobre seus atos – lembra do filho, na verdade o amava, arrepende-se de tudo, até do seu jeito autoritário de ser. O romance termina com Faninha em visita à universidade para buscar informações sobre o curso de biologia; ela está acompanhada do novo namorado. A cena,

bastante singela, mostra um carinho mútuo e uma felicidade em que transparece a vitória do espírito libertário, anárquico e contestador sobre o autoritarismo e a ignorância do mundo.

Fronteira Bras-Bol

Caracterizando um território aberto à interferência e aos influxos de variadas contribuições culturais, a fronteira constituiu-se em um entrelugar, onde a porosidade e o trânsito que lhe são próprios operam constantes movimentos de expansão e retração. Assim, conforma um território híbrido, onde um mesmo aspecto – a linguagem, por exemplo – pode proporcionar relações de aproximação e distanciamento com o Outro. Dessa forma, é possível compreender a noção de fronteira como um espaço múltiplo, mestiço e heterogêneo, marcado pelas presenças das diferenças que afirmam lugares de contato e inter-relação.

Carlos Garcia Rizzon

(*Outra geografia em literaturas de fronteira*, 2012, p. 114).

Não cabe à nossa análise geográfica em torno da literatura buscar a fronteira como categoria científica no texto, estipulando conceituações e debates que vêm sendo travados por teóricos de nossa ciência, por exemplo, Martin (1997), Martins (1997) e Lacquement (2021). Mas vale ressaltar que, como pesquisadores da Geografia, entendemos a fronteira como uma zona de colisão entre duas realidades, dois sistemas que funcionam com sua lógica própria; assim, a fronteira não se configura como limite de espaço em uma divisão terrestre: “De fato, a fronteira internacional quando associada à zona geográfica significa área ou lugar de contato e de integração espontânea pelas ações e iniciativas cotidianas da população fronteiriça, sobretudo em pontos constituídos por cidades gêmeas (FERRARI, 2014, p. 22). As demandas da fronteira ultrapassam as questões físicas de território e perpassam por outros vieses, por exemplo, pela ideologia, pelo choque de culturas, e mesmo pela interface da internet, como nos estudos de Dupuy (2005), Scherrer (2005), Léonard (2004) e Grätz (2004).

Desse modo, a nossa apreciação geográfica acerca da arte está em perceber o como a literatura expressa, de modo único, as relações experienciais que perpassam determinado espaço evocado, e o como isso pode ser refletido por nós nas ciências humanas. Em *Elpidio Petra*, o espaço referenciado é a fronteira entre países num viés cultural, a zona geográfica que liga o Brasil e a Bolívia.

Há um pequeno grupo humano – família – que delibera sair de sua territorialidade e transitar até entender que acha um espaço para chamar de lar, ou seja, um lugar confortável:

“Sem dúvida, essas “histórias de vida” têm também uma geografia; têm ambientes, locais imediatos e localizações provocativas que afetam o pensamento e a ação” (SOJA, 1993, p. 21).

A diáspora desse pequeno grupo para reterritorializar num outro ponto significa a alteração de suas histórias: “A diáspora é um fenômeno que implica a territorialidade, a desterritorialização e reterritorialização que podem envolver uma ou um número variado de pessoas alterando as relações entre espaço e tempo” (Almeida, 2009, p. 176). De um ponto inicial onde não se sabe – territorialização – a família está ancorada – reterritorialização – na fronteira, um território de múltiplas faces. Essa territorialização inicial dá-se no interior da Bolívia, em uma pequena aldeia, depois ocorre a transferência para a fronteira, ainda na Bolívia, entretanto, “[...] Teresa conseguiu convencer Emiliano a mudar-se com toda a família para o Brasil onde os problemas entre pai e filho mais que duplicaram” (JESUS, 2021, p. 68). O trânsito para e a ancoragem definitiva é ainda na fronteira, mas, agora, do outro lado, na cidade de Gravatá, no Brasil, local que apresenta características comuns com o da Bolívia, numa hibridação e confusão territorial, “O ônibus então parou e os dois homens começaram a seguir o fluxo humano que se dirigia ao grande portal que dividia os dois países, como se fosse possível falar em divisão exata naquela região que na verdade era um país híbrido” (JESUS, 2021, p. 127).

Gravatá é nome fictício, não existe no mapa, mas sabemos ser Corumbá, onde a família imigrante mora, trabalha e utiliza os aparelhos urbanos, na rua Elpidio Petra, espaço onde se passa a maioria das ações na narrativa. A rua tem uma feira com variedades de produtos artesanais e eletrônicos, sendo local, durante o dia, de movimentação do comércio: “O sol que surgiu naquela manhã, que era o sol imponente e castigador de quase todos os dias em Gravatá, já enxergava a rua Elpidio Petra acordada e em pleno movimento naquele ponto da feirinha boliviana” (JESUS, 2021, p. 64). Alguns trabalhadores dessa feira moram na Bolívia e têm de voltar para casa no final do dia.

Apenas quando o sol já estava quase completamente afundado no horizonte é que todos começavam a recolher os produtos e desfazer as barracas deixando apenas um cemitério de esqueletos para trás. Muitos encherão caminhonetes velhas e mal conservadas e voltarão para a Bolívia e alguns privilegiados apenas seguiam algumas quadras para voltarem pras suas casas na cidade de Gravatá (JESUS, 2021, p. 65).

Outros trabalhadores vivem no lado brasileiro, por exemplo, Emiliano, o pai de família no romance; outros ainda têm de voltar à Bolívia, percorrendo mais ou menos 6 quilômetros

para atravessar a fronteira seca: “A fronteira delimita o território, marca o espaço de sobrevivência, o espaço de força” (MEDEIROS, 2009, p. 218). Depois que o sol se põe a rua se vê em uma situação inusitada na dinâmica cultural e urbana, que já não é mais um território do comércio. O escritor parece capitar a alma da rua, se não tivéssemos certeza de que se trata de um romance, diríamos tratar-se de um pequeno trecho de análise de um geógrafo cultural avaliando uma rua.

Depois do sol terminar seus serviços e trocar de lugar com a lua mansa daquela noite, outro grupo de trabalhadores liberais começa a tomar conta da rua. Travestis, garotas e garotos de programa começam a ocupar seus postos, nas esquinas principalmente, e oferecem outro tipo de produtos para venda. Esse grupo é mais colorido e espalhafatoso, mas não menos dedicado em seus trabalhos. Os evangélicos que frequentavam o grande templo que existia na rua Elpídio Petra tinham que passar pelos alegres frequentadores das esquinas, tanto na ida quanto na volta do culto e, apesar de raramente responderem quando recebiam boa noite, tinham espírito cristão suficiente para se solidarizarem, durante o culto com aquelas pessoas que iriam todas para o inferno dentro de pouco tempo. Assim era o espírito da rua Elpídio Petra, a rua apadrinhada pelo esquecido herói trágico da cidade, um espírito trabalhador e vadio, santo e pecador, humano e contraditório (JESUS, 2021, p. 65-66).

A alma do *lugar* é capitada pelo escritor. A rua é tomada por uma variação espacial sob a égide de três polarizações bem marcantes: trabalho e vadiagem, santificação e pecado, humanização e contradição. No contraponto entre dia e noite, o mesmo local oferece produtos diferentes: comércio e programas sexuais. Com a chegada da lua, o profano e o sagrado se esbaram no trânsito dos evangélicos com a territorialização do grupo colorido e espalhafatoso.

Essa é a realidade da fronteira entre o Brasil e a Bolívia, especialmente nas cidades de Corumbá e Ladário, no Mato Grosso do Sul e nas cidades bolivianas de Puerto Quijarro e Puerto Suarez, onde é possível observar o fluxo de pessoas circulando em ambos os lados, em uma interação orientada por uma variedade de circunstâncias que envolvem economia, política, cultura, religião, entre outras (ARF, 2020, p. 208).

A dinâmica da fronteira entre o Brasil e Bolívia é permeada por um fluxo de pessoas transpassando entre as cidades que fazem parte dessa zona geográfica específica, regida por contradições e simetrias que se fundem num espaço de choque de sistemas culturais. As fronteiras, neste caso, são territórios de fluidez de estranhamentos e aproximações, são lugares de intermédios onde há a construção de identidades que só são possíveis ali. O lugar

fronteiriço se demonstra heterogêneo ficando estabelecido como um espaço confuso, caracterizado pela possibilidade de discrepância e interconexão.

Esse espaço estrutura o romance. As personagens se veem transitando de um lado da fronteira, mas ultrapassando condições de Estados Nacionais, expandindo os seus horizontes, na busca de um lar (*lugar*) confortável. A escolha por novos territórios põe em xeque o questionamento sobre o novo país ser, de fato, uma boa opção para uma família conectada a dogmas religiosos.

Geografias existenciais no espaço fronteiriço

Essa espacialidade existencial dá ao ser um lugar, um posicionamento dentro do “mundo vital” (o *Lebenswelt* de Husserl). Esse *emplacement* é um processo apaixonado, que vincula o sujeito e o objeto, o Ser Humano e a Natureza, o indivíduo e o meio ambiente, a geografia humana e a história humana.

Edward W Soja (1993, p. 163).

As fronteiras são construídas por corporeidades.

Eduardo Marandola JR; Priscila Marchiori Dal Gallo.

(*Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração*, 2010, p. 418).

A Geografia como vertente das ciências humanas, há algum tempo, tem colocado como centralidade em suas análises de cunho teórico os questionamentos existenciais de ordem filosófica. Há um *mundo vital* que abraça a existência humana e exige seu lugar, o *terreno* que sustenta o ser em sua complexidade; todas as pessoas no mundo têm a sua localização (*emplacement*), que, partindo das configurações de tempo, pode ser movimentada ou ancorada, conferindo uma ligação entre objeto, sujeito e meio ambiente.

Entendido o *script* da obra, compreendemos que o *emplacement* das personagens em jogo sofre variações de temporalidades, mas, na grande maioria, tem como centro a fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Em nossa análise, fica a pergunta: como a fronteira participa da construção social das personagens, como molda as suas identidades e as posiciona no mundo? Diante dessa problemática, surge outra: como nós, das ciências humanas, recebemos essas espacialidades e coexistências?

O ambiente onde as personagens principais encaram o dia a dia está posicionado num fluxo cultural que pode causar estranhamento. Uma dessas personagens vai se arrepende amargamente por sua escolha em relação à morada definitiva, pois tem a firme convicção de que o novo país corrompe o espírito e a índole do filho.

Além da tristeza e da saudade que passou a acompanhar Teresa, ela ainda teve que lidar com as acusações, tanto veladas quanto escancaradas, de que o fator que desencadeou toda a tragédia tinha sido a mudança para o Brasil que ela tanto batalhou para conseguir. Ela até tentou se defender no começo lembrando que a personalidade forte e questionadora de Angel começou a se formar ainda antes deles terem se mudado, mas Emiliano seguia firme em sua convicção de que era o espírito liberal e licenciado do novo país deles que tinha corrompido seu filho. O Brasil não era um país sério e todo mundo sabia disso. Era um antro de músicas obscenas, danças eróticas, espiritismo satânico e homossexualismo exacerbado. Isso tudo havia corrompido a alma de seu filho e a maior culpada era Teresa que fez com que eles fossem para lá. Ele só não voltava para a Bolívia imediatamente porque já havia vendido sua antiga casa e gasto o dinheiro comprando essa nova, mas a partir de agora, jurava Emiliano, sua vigília e rigidez sobre sua outra filha seria ainda mais ferrenha (JESUS, 2021, p. 69).

Na visão do lado paterno, considerando o texto da literatura, o novo espaço de morada corrompe o espírito e a identidade do filho; mas a ótica materna nega que o espaço seja um fator delineador da personalidade forte e questionadora do filho. O contraponto da esposa, em relação às acusações do marido, constitui uma anulação de que seja o novo espaço o responsável por atitudes rebeldes e questionadoras. Isso se justifica porque, antes mesmo de desterritorializarem e buscarem uma nova trajetória para a família, o sujeito em avaliação já questionava certos valores e enfrentava a realidade com sua própria visão de mundo. A personagem Emiliano se vê, então, abalada por um conflito existencial que só acha possível no novo país.

A personagem feminina do romance força uma desterritorialização de toda a família, o que causa um rompimento espacial com o passado e consolida uma desestabilização existencial relativamente à personagem masculina, por isso há nele um desejo de retorno ao passado territorial: “O que conta no desejo não é a falsa alternativa lei-espontaneidade, natureza-artifício, é o jogo respectivo das territorialidades, reterritorialidades e movimentos de desterritorialização” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 115). O desejo de outro lugar, em alguns casos, leva a um desencaixe espacial.

[...] a desestabilização da ligação essencial ser-lugar causa um abalo na segurança existencial e identidade territorial do migrante, que tem de enfrentar um desencaixe espacial. Isso o torna suscetível à angústia e ansiedade, impondo a necessidade de enraizar-se no lugar de destino, ou de manter os vínculos com o lugar natal, apesar de ter migrado (MARANDOLA JR, DAL GALLO, 2010, p. 410-411).

A personagem tem forte ligação territorial com o antigo país e não quer se desligar de sua antiga territorialização. O pai de Angel tem forte convicção de que a migração para o Brasil mudou o filho e isso teve consequências nas relações familiares. Com sua própria lógica de mundo e sob a égide de valores evangélicos, que moldaram sua personalidade, Emiliano crê que o Brasil não é um país sério, pois a sua música é obscena, suas danças eróticas e as religiões são de ordem satânica. Como o filho é gay, o culpado pela questão de gênero, que assombra o pai, será o Brasil; o senhor Emiliano se esquece, ou não tem noção de que há indivíduos homossexuais por todo o globo. O Brasil, um território de mais ou menos 214,3 milhões de pessoas, é massacrado no juízo de valor pelo chefe de família: “[...] frases diretas e indiretas que responsabilizavam sua esposa pelo que aconteceu ao filho mais velho deles, pois na Bolívia tal coisa jamais teria acontecido, jamais!” (JESUS, 2021, p. 17). Fica claro que essa personagem foi marcada por uma cosmologia protestante no país de origem e carrega suas convicções para o país a que foi “forçado” a escolher para ser sua nova morada.

O que aprendemos com isso, além de geografias bastante óbvias? É que as facetas da vida humana são constituídas por um conjunto de ocorrências concretas e subjetivas. O espaço, o tempo e a matéria (alguns tratam por objetos) formam o mundo físico, mas que é abarcada pela *dimensão abstrata* da tríade formada pela experiência do tempo (temporalidade), pela experiência do espaço (espacialidade) e pelos sujeitos, com suas trajetórias em suas essências e complexidades.

Assim como o espaço, o tempo e a matéria delineiam e abrangem as qualidades essenciais do mundo físico, a espacialidade, a temporalidade e o ser social podem ser vistos como as dimensões abstratas que, em conjunto, abarcam todas as facetas da existência humana. Mais concretamente especificadas, cada uma dessas dimensões existenciais abstratas ganha vida como um constructo social que molda a realidade empírica e é simultaneamente moldado por ela. Assim, a ordem espacial da existência humana provém da produção (social) do espaço, da construção de geografias humanas que refletem e configuram o ser no mundo (SOJA, 1993, p. 35).

Os aspectos da vida humana são dominados por espacialidades, temporalidades e pelo mundo físico, os quais perpassam por dimensões existenciais abstratas, que, num círculo

vicioso, moldam e é moldado pelas realidades empíricas. Isso vai determinar a ordem espacial da existência humana, configurando as identidades. Essas noções existenciais são bastante significativas para se perceber o ser no mundo de Emiliano. Se arrastamos essa personagem para esse debate, compreendemos que ela é construída socialmente e moldada pela realidade empírica de valores que a atravessam, desde sua formação individual na Bolívia; contudo, agora, Emiliano delinea a realidade empírica, no lado brasileiro da fronteira, impondo seu pensamento. Um tipo de xenofobia controversa, pois ele, como estrangeiro em um país estrangeiro, parece odiar o vínculo com esse território e com as pessoas, mas aí está ancorado.

O encontro com uma nova realidade certamente provocará uma desterritorialização dos processos simbólicos, quebrando muitas vezes as coleções organizadas pelos sistemas culturais com novas ressignificações e redimensionamentos dos objetos, coisas e comportamentos e isso tudo, certamente, imbricado de conflitos (MEDEIROS, 2009, p. 224).

A produção social do espaço e a constituição das geografias humanas, no caso uma construção evangélica protestante, adquirida em outro tempo, desenha a ordem espacial de sua existência, e, no momento vivido, o presente, reflete como ele é e como observará o mundo. Há um paradoxo nesse ser e estar no mundo, porque Emiliano afirma que seu filho é “modelado” por um espaço na posteridade de sua territorialização inicial, mas não se dá conta de perceber que ele mesmo foi “moldado” na precessão e carrega consigo a construção identitária de sua geografia humana para o lado brasileiro.

O processo de desenraizamento original iniciado pelo movimento migratório se dá, em termos existenciais, pela alteração da territorialidade consolidada, a modificação desta relação originária self-lugar, saindo do lugar-natal, o que implica deixar os lugares de infância, juventude ou idade adulta, responsáveis pela nossa formação enquanto pessoa e sobre os quais está edificada nossa identidade (MARANDOLA JR, DAL GALLO, 2010, p. 410).

O movimento migratório registrado pelo romance é calcado numa mobilidade internacional, as personagens se desenraizam do lugar-natal e isso ocasiona uma reviravolta existencial, pois o pequeno grupo vai deixar de viver os espaços que são familiares e que formaram sua identidade, ou seja, há uma territorialidade consolidada para empreender trânsitos até se decidirem por um outro lugar. O autor registra isso muito bem.

O autor, como sujeito de enunciação, é, antes de tudo, um espírito: ora ele se identifica com seus personagens, ou faz que nós nos identifiquemos com

eles, ou com a idéia da qual são portadores; ora, ao contrário, introduz uma distância que lhe permite e nos permite observar, criticar, prolongar (DELEUZE; PARNET, 1998, p.66).

A literatura sempre indica um espaço, as personagens atuam em algum ambiente; nesse sentido, o romance *Epídio Petra* evoca, em seu interior, sujeitos operando suas vidas no espaço fronteiro entre o Brasil e a Bolívia. Mas mais que mostrar as localizações das personagens no mundo, compreendemos que as existências dessas personagens são marcadas pela territorialização – ou seja, o meu lugar (ou o meu país) marca minha vida, arrasto tudo aquilo que formou a minha índole e o meu pensamento, se estou sob a égide de certos conceitos retrógrados e conservadores, mesmo que conviva com situações em novas realidades, ainda assim tentarei manter o laço do meu passado espacial, transitando entre lá e cá na fronteira, uma fronteira que é tanto parte do mundo físico, quanto parte das abstrações que formam o ser.

Um marco da fronteira

O romancista Wanderson Ligier de Jesus tem um trabalho qualitativo unânime, nos oferecendo uma visão de mundo no que concerne à fronteira Brasil e Bolívia, no Romance *Elpídio Petra*. Essa literatura surge na fronteira e a retrata, o escritor explora, nessa zona geográfica, muito do que a ciência, com olhar mais humanizado, tem buscado em suas análises. O texto literário é marcado por situações que preenchem o espaço da fronteira, como é o caso das territorializações: dos indivíduos que fogem à regra de gênero, das meretrizes, do trânsito do comércio entre os dois países, dos modos de vida, da violência, do roubo e do comércio ilegal de veículos.

A trama é um verdadeiro registro, porque pauta as relações de conflitos existenciais e põem em xeque as escolhas territoriais das personagens que carregam a manutenção de uma identidade de outros tempos. Sob essa perspectiva, dialogamos com aquilo que mais nos atravessou em sua leitura, as dimensões abstratas da existência humana na fronteira. A obra é construída através do tema de *desenraizamento*, onde os *trânsitos* e as *ancoragens* participam dos elementos narrativos e semânticos; com Bernard Debarbieux entendemos que estes termos dão conta de compreender as geografias humanas, “Essas noções visam dar conta dos vínculos emocionais que os indivíduos podem tecer com lugares singulares e entender como

esses vínculos são constitutivos da personalidade ou do estado momentâneo da pessoa” (2014, p. 71).

Muito mais que oferecer sua opinião sobre a fronteira entre o Brasil e a Bolívia, Wanderson Ligier de Jesus cria um evento literário que é um marco da fronteira. E por que dizemos isso? Porque a literatura absorve a realidade e depois marca a própria realidade. A literatura tem esse importante canal de propagação de conhecimento sobre o mundo empírico, que muito tem a oferecer aos geógrafos comprometidos com a cultura e a arte. O método hermenêutico nos ajuda a refletir sobre as dimensões menores para coligar o textual com a realidade que a literatura foca, e isso é parte da teoria da recepção. A literatura participa do mundo e o transforma, transformou o geógrafo leitor e o ensinou muito sobre a existência numa das fronteiras da vida.

Referências

ALHO, Cleber JR et al. Ameaças à biodiversidade do Pantanal Brasileiro pelo uso e ocupação da terra. **Ambiente & Sociedade**, v. 22, 2019.

ALMEIDA, M. G. Diáspora: viver entre-territórios. E entre-culturas?. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009c, p. 175-195.

ARF, Lucilene Machado Garcia. Sempre viva e Mulas como representação de um espaço transcultural e transnacional. **Para Onde!?**, v. 13, n. 2, p. 207-217, 2020.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BROSSEAU, Marc. Street-Level Writing: Los Angeles in the Works of Charles Bukowski. **Literary Geographies**, v.6, n.1, p. 77-95, 2020.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DOS SANTOS, Tarissa Marques Rodrigues; ARF, Lucilene Machado Garcia. Literatura e territorialidade na fronteira Brasil/Bolívia: um espaço do ser frontereiro. **Para Onde!?**, v. 13, n. 2, p. 196-206, 2020.

DUPUY Gabriel. Réseaux et frontières: Internet aux marges. **Annales de géographie**, n. 645, p. 467-470, 2005/5. DOI: 10.3917/ag.645.0467.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. 6 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERRARI, Maristela. As noções de fronteira em geografia. **Perspectiva Geográfica**, v. 9, n. 10, 2014.

FREIRE, Zélia R. Nolasco dos S. A literatura de fronteira e suas particularidades locais: uma visada para a margem. **cadernos de estudos culturais**, v. 7, n. 14, 2015.

GRÄTZ Tilo. Les frontières de l'orpaillage en Afrique occidentale. **Autrepart**, n. 30, p. 135-150, 2004/2.

HONES, Sheila. Text as it happens: itenary geography. **Geography Compass**, v.2, n.5, p. 1301-1317, 2008.

IBANHEZ, João Carlos Nunes. Melancolias espaciais em “O Suicida” de Lobivar Matos. **ENTRE-LUGAR**, v.8, n.15, p. 119-134, ago. 2017.

JESUS, Wanderson Ligier de. **Elpídio Petra**. Curitiba:CRV, 2021.

LACQUEMENT Guillaume, La frontière interallemande, retour sur les ambivalences du fait frontalier, **L'Information géographique**, Vol. 85, p. 31-52, 2021/1. DOI: 10.3917/lig.851.0031.

LÉONARD Éric. La réforme agraire mexicaine comme processus de fronteira. Logiques d'autonomisation, ancrage de l'État et production institutionnelle dans la région des Tuxtlas. **Autrepart**, n° 30, p. 97-116, 2004/2. DOI: 10.3917/autr.030.0097.

MARANDOLA JR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista brasileira de estudos de População**, v. 27, p. 407-424, 2010.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e Nações**. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009c, p. 212-227.

POCOCK, Douglas. Place and the novelist. *Transactions of the Institute of British Geographers*, p. 337-347, 1981.

RIZZON, Carlos Garcia. Outra geografia em literaturas de fronteira. **Para Onde!?**, v. 6, n. 2, p. 114-124, 2012.

SCHERRER Isabelle. Internet, un réseau sans fronteira? Le cas de la fronteira franco-belge. **Annales de géographie**, n. 645, p. 471-495, 2005/5. DOI: 10.3917/ag.645.0471. URL:

SHARP, Joanne P. Towards a critical analysis of fictive geographies. **Area**, v. 32, n. 3, p. 327-334, 2000.

SILVA, Felipe Cabañas da. José e a cidade: uma incursão geográfica na poesia política de Carlos Drummond de Andrade. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), [S. l.], v. 25, n. 2, p. e-172545, 2021.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place: humanistic perspective**. Progress in human geography. Londres: Arnold publishers, v.6, p. 211-252, 1974.